



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

**Eixo TEMÁTICO: Educação, uso de
tecnologias e sociedade do conhecimento**

Aila Oliveira Valadares

Instituto Federal da Bahia

aila_valadares@hotmail.com

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO
ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

**SCHOOL PHYSICAL EDUCATION
DURING EMERGENCY REMOTE
TEACHING**



RESUMO

Esse estudo faz uma revisão bibliográfica dos artigos disponibilizados no portal da CAPES de 2020 até janeiro de 2022, buscando compreender como os professores da educação básica trabalharam a Educação Física durante o ensino remoto emergencial causado pela pandemia de COVID-19. Buscando pelos descritores “Educação Física” e “remoto” dentro do recorte temporal descrito, 15 artigos foram selecionados para compor a amostra analisada. Foi possível identificar que foram priorizados os conteúdos predominantemente teóricos, como saúde e qualidade de vida. Foram utilizadas variadas plataformas digitais para manter contato com os estudantes, como videoconferências e aplicativos de mensagens instantâneas, no entanto, nem todos os estudantes tinham acesso à internet o que tornou recorrente a disponibilização de atividades impressas. Também foi perceptível que as atividades práticas foram prejudicadas e não puderam ser satisfatoriamente substituídas, o que deixou uma lacuna formativa. Professores relataram o excesso de trabalho e as dificuldades de adaptação aos moldes do ensino remoto diante das especificidades da Educação Física e da pouca formação para trabalhar com tecnologias digitais. Com isso, concluímos que para que o ensino remoto possa ser proveitoso em tempos não pandêmicos, é necessário garantir o acesso de todos os estudantes às tecnologias digitais, assegurar um tempo específico para realização de atividades presenciais e promover formação continuada aos professores.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Ensino remoto. Educação. Pandemia. COVID-19.

ABSTRACT

This study makes a bibliographic review of the articles available on the CAPES portal from 2020 to January 2022, aiming to understand how basic education teachers worked with Physical Education during emergency remote teaching caused by the COVID-19 pandemic. Searching for the descriptors “Physical Education” and “remote” within the time frame described, 15 articles were selected to compose the analyzed sample. It was possible to identify that predominantly theoretical contents were prioritized, such as health and life quality. Various digital platforms were used to keep in touch with students, such as video conferences and instant messaging apps, however, not all students had access to the internet, which made the availability of printed activities recurrent. It was also noticeable that practical activities were impaired and could not be satisfactorily replaced, which left a gap in their formation. Teachers reported overwork and difficulties in adapting to the molds of remote teaching given the specificities of Physical Education and the lack of training to work with digital technologies. With this, we conclude that for remote teaching to be useful in non-pandemic times, it is necessary to guarantee access to digital technologies for all students, ensure a specific time to carry out face-to-face activities and promote continuous training for teachers.

Keywords: School Physical Education. Remote teaching. Education. Pandemic. COVID-19.



1. INTRODUÇÃO

É inegável que a popularização das tecnologias digitais e do acesso à internet promoveram um grande impacto na cultura contemporânea. O uso em massa das redes modificou as formas como nos relacionamos, acessamos informação, interagimos e nos comunicamos.

A essas modificações culturais causadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC's) na contemporaneidade, dá-se o nome de cibercultura e ela tem implicações em vários aspectos da sociedade e da vida cotidiana. A “[...] cibercultura resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica” (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 161).

Dentre esses aspectos, nosso maior interesse diz respeito aos seus efeitos na educação e fazeres/práticas pedagógicas. A cibercultura tem suscitado uma discussão um tanto controversa quando falamos sobre seu impacto na educação. Principalmente pela mudança na forma como as crianças/jovens aprendem, em contraste com a metodologia de ensino aplicada nas escolas, que não têm dado conta de acompanhar essas mudanças, tanto em termos pedagógicos quanto físico-estruturais.

Apesar da internet não ser o único meio de realização de interação em rede e de produção colaborativa, ela é uma ferramenta muito importante que potencializa exponencialmente essas relações, portanto, se a escola pretende preparar os estudantes para a vida em sociedade que está cada vez mais conectada, é fundamental que ela forneça, também, acesso às conexões.

Ter escolas conectadas e estudantes com pleno acesso às redes pode propiciar um salto qualitativo significativo no ensino-aprendizagem de todos os envolvidos, uma vez que seria possível incorporar nas atividades de ensino: a utilização de fóruns, pesquisas em tempo real, acesso a vídeos e imagens, sites de busca, redes sociais, entre outras.

Essas possibilidades podem resultar tanto na otimização das formas de acesso ao conteúdo discutido, quanto num aumento do engajamento e motivação por parte dos estudantes, que certamente se sentiriam mais estimulados na realização do que for proposto.



Porém, para que isso aconteça, é preciso fazer uso positivo das possibilidades que as TIC's trazem para as escolas, pois elas “potencializaram os espaçostempos de convivência e aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o uso de interfaces interativas, mídias digitais e redes sociais” (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 161).

A partir do início do ano de 2020, essas possibilidades de intervenção pedagógica nos meios digitais foram postas em evidência diante da necessidade do ensino remoto emergencial causado pela pandemia mundial de COVID-19. As aulas presenciais no Brasil e no mundo precisaram ser suspensas, afetando de maneira significativa o andamento das atividades educacionais.

Frente à suspensão das aulas que vinha acontecendo em todo o território nacional, o Ministério da Educação (MEC) lançou a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 que tratava da possibilidade de substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais no período de duração da pandemia mundial do COVID-19 (BRASIL, 2020). Assim, as aulas passaram a ser conduzidas de maneira remota, fazendo uso de variados recursos digitais. A inclusão das TIC's na educação já vinha acontecendo, no entanto, a situação atípica da pandemia mundial acabou acelerando esse processo, ao forçar professores e professoras a se adequarem a nova necessidade.

Fazendo essas discussões sobre cibercultura e educação, passamos a refletir sobre como a Educação Física foi tratada dentro do contexto gerado pela pandemia mundial de COVID-19. Apesar de reconhecer que ensino remoto emergencial e ensino a distância (EaD) têm características distintas, uma vez que no EaD existem concepções teóricas e especificidades metodológicas que fundamentam a modalidade, enquanto o ensino remoto emergencial consiste em uma adaptação curricular temporária diante de uma situação de crise (RODRIGUES, 2020), consideramos a possibilidade de aproveitamento das experiências vividas e da incorporação de algumas práticas realizadas durante o ensino remoto, no ensino a distância ou, até mesmo, no ensino presencial.

Diante desse cenário, trazemos como questão norteadora “Como se deram as aulas de Educação Física em modo remoto na rede básica de ensino?”, especificamente buscando identificar que desdobramentos as tecnologias da informação e comunicação trouxeram para



as aulas de Educação Física no ensino remoto emergencial e que estratégias metodológicas os professores desse componente curricular utilizaram.

Assim, o estudo traz como objetivo geral: identificar aspectos pedagógicos e metodológicos das aulas de educação física em modo remoto na rede básica de ensino. Tal objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: 1) detectar os conteúdos mais trabalhados; 2) identificar as metodologias de ensino aplicadas e 3) reconhecer as plataformas e ferramentas digitais utilizadas. Feita a seleção, foi construído um estudo bibliográfico.

2. AS PRÁTICAS CORPORAIS E A CULTURA DIGITAL

A educação física pode ser trabalhada sob diversas abordagens que vão se desdobrar na escolha dos conteúdos/assuntos que devem ser tratados. Independentemente da abordagem adotada, todos estarão diretamente relacionados às práticas corporais de alguma forma, por isso, trataremos aqui das possibilidades que as TIC's trazem para essas práticas. Para Dambros e Oliveira (2016, p. 22), a Educação Física não é comumente associada às TIC's, pois

[...] esta ainda é, muitas vezes, considerada um componente curricular que envolve somente práticas corporais, sem espaço para reflexões, sem necessidade de utilização de outros ambientes além da quadra ou pátio e de outros equipamentos além de bolas e cones.

Apesar do pouco reconhecimento, é preciso levar em conta que mesmo as práticas corporais vêm sendo impactadas pela tecnologia de várias formas, como a popularização dos jogos eletrônicos que adaptam ou substituem jogos populares da cultura tradicional, a orientação para a prática de exercícios físicos que agora pode ser acessada por transmissões online ou aplicativos, o surgimento dos exergames, além da implantação de tecnologias para auxiliar na arbitragem esportiva e no surgimento dos chamados e-sports, que vêm ganhando cada vez mais espaço na mídia.

Dentre as mais variadas práticas corporais, o esporte costuma ser o tema dominante dentro da Educação Física como um todo. Em um estudo realizado a respeito das publicações sobre Educação Física, Mídia e TIC's, Dos Santos *et al.* (2016) identificaram que o esporte foi o tema mais discutido, aparecendo em 89 dos 197 artigos analisados. Esse mesmo estudo também indica



“[...] o aumento da presença de uma vertente específica nas investigações do campo da Educação Física: as mídias digitais. Perpassando as discussões sobre Esporte, Lazer e Educação Física escolar, estão cada vez mais presentes os temas emergentes da cultura digital, tais como a internet, os jogos digitais, a educação a distância e as redes sociais” (SANTOS *et al.*, 2016, p. 132)

Dambros e Oliveira (2016) dão algumas sugestões para que a inserção das TIC's nas aulas de educação física aconteça. Com relação aos dispositivos a serem utilizados, as salas de informática são uma opção apresentada, porém, por reconhecer que nem todas as escolas disponibilizam esse recurso, a utilização dos celulares também é indicada como possibilidade, tendo como principais vantagens: sua mobilidade, a gratuidade de muitos aplicativos que podem ser utilizados para fins pedagógicos e por serem aparelhos de maior facilidade de acesso entre os estudantes.

A respeito das possibilidades pedagógicas, as autoras sugerem a realização de pesquisas, acesso a blogs, utilização de jogos pedagógicos digitais e aplicativos 3D, além do registro de fotos e vídeos através do celular. Por fim, há o reconhecimento da necessidade de formação inicial e continuada para que os professores de Educação Física possam incorporar esses conhecimentos em suas aulas (DAMBROS; OLIVEIRA, 2016).

3. MÉTODOS

Buscando responder a pergunta norteadora, o presente estudo realizou uma pesquisa bibliográfica a partir das produções científicas encontradas na base de dados da CAPES. A busca foi feita utilizando as palavras-chave “educação física” e “remoto”, tendo como critérios de inclusão: ano de publicação a partir de 2020 até janeiro de 2022, e estar em língua portuguesa.

Por ser uma das referências mais tradicionais entre os bancos de dados que compilam estudos de diversas temáticas, inclusive das ciências humanas e sociais, a base de dados da CAPES foi escolhida como fonte para seleção dos artigos a serem analisados. Após buscar as palavras-chave, os resumos dos trabalhos foram lidos e foi feita a seleção final da amostra, sendo composta pelos trabalhos que demonstraram potencial para contribuir com o estudo pretendido.



Buscando os descritores “Educação Física” e “remoto” dentro do recorte temporal delimitado, 71 trabalhos foram encontrados. Após a leitura dos títulos e resumos, 15 artigos foram selecionados para compor a amostra analisada, sendo eles: Educação Física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares (MACHADO *et al.*, 2021); Potencialidades e limitações da Educação Física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular (MIRAGEM e ALMEIDA, 2021); Docência em Educação Física Inclusiva: esgotamentos vividos no contexto do ensino remoto brasileiro (MACHADO e FONSECA, 2021); Ensino remoto emergencial no estado de Mato Grosso: desafios presentes no ensino da Educação Física (MOURA *et al.*, 2021); E a Educação Física? Narrativas de professores-pesquisadores sobre as aulas remotas em institutos federais (FERREIRA *et al.*, 2021); Educação Física Escolar no contexto pandêmico no Município de Vigia de Nazaré no estado do Pará (COSTA e CONCEIÇÃO, 2021a); Educação Física Escolar na Pandemia da Covid-19: Experiências no Ensino Médio do Nordeste Brasileiro (TEIXEIRA *et al.*, 2021); Educação Física e suas possibilidades no ensino remoto: relato de uma escola privada (SILVA *et al.*, 2021); Educação física escolar e educação de jovens e adultos: desafios da docência no ensino remoto emergencial (COSTA e CONCEIÇÃO, 2021b); Diagnóstico das Aulas de Educação Física no Estado do Rio Grande Do Sul Durante a Pandemia da Covid-19 (SANTOS *et al.*, 2021); As práticas do ensino remoto emergencial de Educação Física em escolas públicas durante a pandemia de COVID-19: reinvenção e desigualdade (GODOI *et al.*, 2021); Educação física e aulas remotas: um olhar para o trabalho com alunos com deficiência em escolas do Rio Grande do Sul (SILVA, MACHADO e FONSECA, 2021); A educação física na área das linguagens e as relações com a BNCC em tempos de distanciamento social (BIELAVSKI *et al.*, 2021); Educação Física escolar em tempos de Covid-19: o ensino do esporte e a paralisação dos megaeventos (ANDRADE; SILVA e SANTOS JUNIOR, 2021); Educação física e pandemia: o que dizem alguns estudos sobre o ensino remoto de educação física na educação básica? (BARBOSA; DAMASCENO e ANTUNES, 2022).

4. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REMOTO

Por ser um componente curricular tradicionalmente relacionado às atividades práticas, pensar os conteúdos dentro de uma realidade em que não se pode ter nenhum tipo de contato



físico e em que os encontros seriam realizados através da tela de dispositivos eletrônicos foi um desafio para a Educação Física escolar. Dos 15 artigos que compõem a amostra, três não especificaram que conteúdos foram trabalhados, sendo eles as produções 6, 9 e 11 de Costa e Conceição (2021a), Costa e Conceição (2021b) e Godoi *et al.* (2021).

Frente ao contexto do ensino remoto, nos artigos analisados, dentre aqueles que mencionaram os conteúdos trabalhados, foi perceptível que os professores e as professoras optaram por dar uma ênfase maior aos temas de caráter teórico, como aspectos sociais, políticos e históricos das práticas corporais, a atividade física e sua relação com a saúde e qualidade de vida, entre outros, como é possível observar nos excertos a seguir:

A exemplo, temos a análise histórica das práticas corporais; regras de execução das diferentes práticas corporais; conhecimento sobre federações e organizações esportivas; relações culturais das práticas corporais; conhecimento sobre o corpo, saúde, exercícios, atividade física etc. (MACHADO *et al.*, 2020, p.07).

A análise mostra que os professores de Educação Física propuseram, inicialmente, levar saberes conceituais aos seus alunos, tal como a análise histórica das práticas corporais; regras de execução de diversos esportes; conhecimento sobre federações e organizações esportivas; dentre outros. Com o decorrer do ensino remoto, os professores passaram a conduzir saberes corporais, tais como o ensino de movimentos, a condução de exercícios, a realização de jogos, brincadeiras, danças, ginásticas, movimentos de lutas, entre outros (MACHADO e FONSECA, 2021, p.06). Além dos tópicos relacionados à saúde, os conteúdos das aulas remotas envolveram as unidades temáticas de ginásticas, jogos e brincadeiras, esportes e danças (FERREIRA *et al.*, 2021, p.13).

Nos trabalhos de Moura *et al.* (2021) e Bielavski *et al.* (2021), foi observada uma preocupação em atender e cumprir as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), porém, diante da limitação de possibilidades imposta pelo ensino remoto emergencial, foi preciso certa flexibilização por parte dos/as docentes, já que muitas habilidades da BNCC envolvem vivências das práticas corporais (BRASIL, 2018). Em face das dificuldades de seguir integralmente os conteúdos da BNCC, algumas propostas se voltaram para temas relacionados à pandemia, a fim de tratar da realidade dos alunos e das



alunas, priorizando, assim, mantê-los interessados e participativos para que o vínculo estudante-escola não fosse perdido (BIELAVSKI *et al.*, 2021).

A adequação aos conteúdos indicados pela BNCC também é citada no artigo de Silva *et al.* (2021), no entanto, em um contexto diferente daqueles citados anteriormente. Nesse caso, os autores e as autoras relatam a experiência ocorrida em uma instituição privada, o que muda a realidade a respeito do acesso a recursos tecnológicos por parte dos estudantes. Isso garantiu a abordagem de todos os temas previstos no documento, sendo necessárias, apenas, variações metodológicas para que alunos e alunas se habituassem ao novo modelo de aulas. O contraste entre as instituições públicas e privadas deixa nítido o efeito da desigualdade no acesso à educação, já que a falta de recursos tecnológicos prejudicou o cumprimento do currículo escolar de estudantes das escolas públicas.

Danças, lutas, jogos e brincadeiras também são conteúdos citados com frequência, mas que, para aqueles e aquelas que se propuseram a ir além da abordagem teórica, foi preciso utilizar diferentes metodologias a fim de garantir algumas vivências. As abordagens metodológicas e as plataformas utilizadas para a materialização dessas aulas são discutidas na sessão a seguir.

4.1. A condução das aulas

No contexto do ensino remoto emergencial, mesmo com parte dos alunos não conseguindo acompanhar as aulas e atividades nos espaços virtuais, os professores e as professoras ofertaram aulas e acompanhamento pedagógico em variadas plataformas, de maneira síncrona ou assíncrona. Sobre a condução das aulas em plataformas virtuais e seus desafios, Miragem e Almeida (2021, p. 8) comentam que passaram a se

relacionar com os alunos por meio das plataformas digitais, das salas virtuais, na maioria das vezes sem vê-los nem ouvi-los, uma vez que seus microfones e câmeras, na maioria dos encontros, estavam desligados. [...] [A]s metodologias utilizadas no presencial também foram substituídas pelos ambientes virtuais de aprendizagem (videoaulas, videoconferências, chats, fóruns...).

Ainda segundo os autores, foi um desafio repensar a condução das aulas de Educação Física nesse cenário, já que o planejamento e toda organização da disciplina costumava ter



como premissa básica a presença física de todas as pessoas envolvidas. Em concordância, para Ferreira *et al.* (2021, p. 8),

a organização das aulas remotas na ausência da prática, distanciamento dos corpos e artificialização das interações humanas representou um desafio complexo para o qual não tiveram suporte pedagógico adequado.

Teixeira *et al.* (2021) contam que a maioria das atividades eram teóricas e que, em algumas situações, havia o direcionamento de tarefas e exercícios práticos a serem realizados em casa para que, posteriormente, a experiência fosse compartilhada nos encontros síncronos. Nos trabalhos de Machado *et al.* (2020), Santos *et al.* (2021) e Bielavski *et al.* (2021), a experiência relatada demonstra que a opção metodológica adotada foi se ater às questões predominantemente teóricas e conceituais.

Nesta perspectiva, Santos *et al.* (2021, p. 7) discutem que esse caminho mais teórico e conceitual não deve ser considerado como algo completamente negativo, pois essa foi uma oportunidade de ter outros tipos de aprendizagem na Educação Física, podendo contribuir para a sua valorização, visto que “as aulas remotas oportunizaram espaços para outras atividades, possibilitando aos estudantes vivenciarem a disciplina de uma forma mais ampla, como aulas teóricas sobre esportes e saúde”. Barbosa, Damasceno e Antunes (2022, p. 06) também demonstram uma visão positiva para o aumento das discussões teóricas na Educação Física e afirmam que “o ensino remoto forçou professores e alunos a refletirem mais sobre as práticas corporais, o que de fato é mais difícil de se realizar nas aulas presenciais, dada a ansiedade dos alunos pelas atividades práticas em si”.

Já Andrade, Silva e Santo Junior (2021, p. 06), embora tenham mencionado a predominância das discussões teóricas tal qual os autores anteriormente citados, argumentam que as possibilidades de atividades práticas não foram deixadas de lado. Para eles, “a via de escape para as propostas de predominância motriz foram as sugestões adaptadas ao ambiente familiar”.

A mesma estratégia foi relatada por Silva *et al.* (2021), que comentam a experiência de solicitar aos alunos que realizassem atividades práticas em suas respectivas casas, utilizando objetos comuns de uso doméstico, como baldes e vassouras, por exemplo. Porém, por se tratar de aulas com crianças do ensino fundamental - anos iniciais, os familiares que precisavam



acompanhar e supervisionar as aulas reclamaram das dificuldades logísticas para organizar esses materiais, o que resultou no abandono desse procedimento.

Assim, podemos observar que, para que as aulas de Educação Física possam ser conduzidas com eficiência e eficácia nos meios remotos, é preciso planejamento, apoio das famílias e a utilização das plataformas virtuais, as quais todos devem ter acesso. Algumas das plataformas utilizadas eram ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) especificamente criados para fins educacionais, como o *Google Classroom*, por exemplo. Já outras foram improvisadas para facilitar o acesso de alguns estudantes, como foi o caso do *Whatsapp* e das redes sociais, sendo aproveitadas para fins pedagógicos.

A utilização das ferramentas do *Google*, como o *Google Forms*, *Google Meet* e *Google Classroom* foi recorrente e é mencionada nos artigos de Machado *et al.* (2020), Machado e Fonseca (2021), Ferreira *et al.* (2021), Teixeira *et al.* (2021), Costa e Conceição (2021b), Godoi *et al.* (2021) e Silva, Machado e Fonseca (2021). A interface relativamente simples e intuitiva, a popularidade das ferramentas e o fato de poderem ser utilizadas gratuitamente são alguns fatores que podem ter contribuído para a alta utilização das demandas do *Google* no ensino remoto emergencial.

Os entrevistados por Costa e Conceição (2021), professores de escolas públicas municipais no estado do Pará, contam que houve a criação de um site para que alunos e alunas pudessem acessar as ferramentas do *Google*. Além dessas ferramentas, o *Whatsapp* foi incluído como uma possibilidade de comunicação que facilitaria o contato com os/as estudantes. O *Whatsapp* e outros aplicativos de mensagens instantâneas como o Telegram também tiveram uso recorrente no ensino remoto emergencial e foram citados em 11 dos 15 trabalhos analisados, sendo as exceções os trabalhos de Miragem e Almeida (2021), Silva *et al.* (2021), Bielavski *et al.* (2021) e Andrade, Silva e Santos Junior (2021).

Entretanto, recorrer a esses aplicativos pode vir a ser um problema, uma vez que essas ferramentas não foram criadas especificamente para fins educacionais e nem são plataformas oficiais das instituições de ensino. Assim, não há controle do tempo ou momento adequado para utilizá-las, o que pode contribuir para a sobrecarga de trabalho relatada nos trabalhos 3 e 13 de Machado e Fonseca (2021) e Bielavski *et al.* (2021). Além disso, é importante conhecer



as permissões que esses aplicativos solicitam e como eles fazem uso dos dados neles depositados, tanto por estudantes quanto por professores.

Verificou-se, ainda, que, mesmo recorrendo a aplicativos mais populares, ao considerar o número de estudantes sem condições de acesso regular à internet, se fez necessário oferecer atividades impressas que foram recolhidas e entregues na escola dentro de prazos previamente estipulados. A utilização de atividades impressas foi uma alternativa encontrada por diversas instituições públicas de ensino para tentar, minimamente, garantir alguma interação pedagógica com os/as estudantes sem acesso a internet. Essa estratégia foi relatada nos trabalhos de Machado *et al.* (2020), Machado e Fonseca (2021), Costa e Conceição (2021a), Teixeira *et al.* (2021), Costa e Conceição (2021b), Santos *et al.* (2021), Godoi *et al.* (2021) e Silva, Machado e Fonseca (2021).

Com isso, identificamos a falta de acesso aos equipamentos eletrônicos e à internet de qualidade como alguns dos maiores entraves para a implementação do ensino remoto. Teixeira *et al.* (2021) também apontam a dificuldade de avaliar esses/as estudantes que só realizavam atividades impressas, já que esse modelo impossibilitava o acompanhamento adequado e as avaliações processuais. É possível perceber, portanto, os efeitos das desigualdades sociais evidenciadas e maximizadas pela pandemia, o que também nos leva a refletir sobre as dificuldades de modernização e implementação de tecnologias digitais no dia a dia escolar no futuro, mesmo em tempos não pandêmicos.

Assim, observamos que as aulas presenciais disponibilizam recursos que o ensino remoto não oferece, principalmente nessa disciplina, como: atividades práticas com a supervisão de um/a professor/a, a interação social entre professor/a-aluno/a e aluno/a-aluno/a e a troca de experiências que podem facilitar o processo de aprendizagem e de inclusão.

Desta forma, percebemos que tanto professores quanto alunos sentiram falta das atividades práticas e vivências corporais nas aulas de Educação Física. Apesar das tentativas de garantir algumas dessas vivências, a interação, o contato físico e as atividades, jogos e brincadeiras em grupo são uma parte insubstituível do componente. Reconhecemos que a Educação Física não se restringe a atividades físicas ou mesmo práticas esportivas, mas consideramos que dentro das particularidades do trato da cultura corporal, uma vez que não



haja riscos diretos à saúde e a vida dos/as envolvidos/as, as atividades presenciais precisam ser garantidas.

Por fim, os/as professores/as também relataram exaustão e excesso de trabalho ao lidar com o ensino remoto. A possibilidade de contato ininterrupto através dos aplicativos de mensagens instantâneas, o excessivo tempo em tela e a necessidade de correção e feedback das atividades impressas gerou um esgotamento em muitos/as docentes. Para Bielavski *et al.* (2021), a exaustão foi relatada pelos/as docentes, principalmente, pelo fato de a carga horária de trabalho ter excedido o esperado.

Ao tratarmos de ensino a distância, é preciso que haja reconhecimento das atividades realizadas como efetivo trabalho docente para que, assim, se contabilize a carga horária total do/a professor/a. Além disso, é importante escolher as plataformas mais adequadas para manter contato com os/as estudantes e definir dias e horários específicos para que esse contato aconteça, a fim de garantir que o tempo de descanso do/a docente não seja transgredido.

5. CONCLUSÃO

Independente das condições terem sido consideradas adequadas ou não, o ensino remoto emergencial aconteceu em todo Brasil e o relato das experiências vividas pode nos dar indicadores da possibilidade – ou impossibilidades – do ensino a distância nas redes básicas de ensino, mesmo que parcial, se tornar realidade.

Apesar de termos nos debruçado sobre as possibilidades metodológicas de se conduzir aulas através da internet, muitos/as estudantes, no entanto, sequer chegaram a ter acesso a essas aulas durante todo o ensino remoto emergencial. Essa realidade foi sinalizada em 10 dos artigos analisados e demonstra um dos maiores problemas para a implantação de qualquer modelo de ensino que se proponha a utilizar aulas a distância cotidianamente. É preciso, antes de tudo, garantir que todos/as tenham acesso, com dispositivos e internet de qualidade, para que a desigualdade não se acentue.

A análise dos artigos demonstrou que, uma vez que os tempos e espaços para atividades práticas presenciais sejam garantidos, que professores/as tenham a formação adequada e que a



aula on-line seja devidamente planejada, é possível desenvolver parte dos estudos e discussões a respeito dos elementos da cultura corporal à distância. É necessário, no entanto, que haja a participação de todo o alunado. Essa participação ainda não é garantida, sobretudo nas comunidades mais pobres e afastadas dos grandes centros urbanos.

Considerando essa realidade, como podemos conceber que, com a reforma do ensino médio, se proponha que até 20% da carga horária total dos turnos diurnos e até 30% dos cursos noturnos e 80% da educação de jovens e adultos seja à distância? Haverá o investimento necessário para concretizar a inclusão digital dessas pessoas ou o novo ensino médio institucionalizará a exclusão de grande parte dos/as alunos/as de 20%, 30% ou 80% da sua carga horária?

Feitas essas reflexões, consideramos que a educação à distância (EAD) vem se popularizando cada vez mais e a Educação Física escolar deve acompanhar essa tendência. No entanto, apesar da cultura digital já fazer parte do cotidiano de muitas pessoas, não podemos fechar os olhos para aqueles que ainda não a tem em sua realidade. Dessa forma, é preciso lutar para que o investimento em inclusão digital acompanhe o esforço político feito em prol da popularização da EAD, que tem crescido exponencialmente no país.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. C.; SILVA, R. Q.; JUNIOR, E. L. dos S.. Educação Física escolar em tempos de Covid-19: o ensino do esporte e a paralisação dos megaeventos. In: *Olhar de Prof.*, v. 24, p. 1-8, 2021.

BARBOSA, K. de A.; DAMASCENO, A. G.; ANTUNES, S. E.. Educação física e pandemia: o que dizem alguns estudos sobre o ensino remoto de educação física na educação básica?. In: *Cad. de Ed. Fís. e Esp.*, v. 20, p.1-7, 2022.

BIELAVSKI, J. da S.; FERNANDES, N.; MEDEIROS, F. M.; MACHADO, R. B.; FONSECA, D. G. da. A Educação Física na Área das Linguagens e as relações com a BNCC em tempos de distanciamento social. In: *Conexões*, v. 19, p. 1-17, 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto



durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ed. 53, 18 mar. 2020. Seção 01, p. 39.

COSTA, W. C. P.; CONCEIÇÃO, W. L. da. Educação física escolar e educação de jovens e adultos: desafios da docência no ensino remoto emergencial. In: *Cad. de Ed. Fis. e Esp.*, v. 19, n. 3, p. 1-6, 2021b.

COSTA, W. C. P.; CONCEIÇÃO, W. L. da. Educação Física Escolar no contexto pandêmico no Município de Vigia de Nazaré no estado do Pará. In: *Res., Soc. and Dev.*, v. 10, n. 10, p. 1-13, 2021a.

DAMBROS, D. D.; OLIVEIRA, A. M.. Tecnologias da Informação e Comunicação e Educação Física: currículo, pesquisa e proposta pedagógica. In: *EFT: Ed., Form. & Tec.*, v. 9, n. 1, p. 16-28, 2016.

FERREIRA, H. J.; MIOTTO, K.; PEREIRA, J. C.; LOPES, J.; GONTIJO, K. Q.; PEREIRA, C. C.; KLEHM, R. B.; SANTOS, W. E. F.. E a educação física? Narrativas de professores-pesquisadores sobre as aulas remotas em institutos federais. In: *Mov.*, v. 27, p. 1-20, 2021.

GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. de A.; CANEVA, C.. As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de Covid-19: reinvenção e desigualdade. In: *Ver. Prát. Doc.*, v. 6, n. 1, p. 1-21, 2021.

MACHADO, R. B.; FONSECA, D. G. da. Docência em Educação Física Inclusiva: esgotamentos vividos no contexto do ensino remoto brasileiro. In: *Educ. F. y C.*, v. 23, p.1-13, 2021.

MACHADO, R. B.; FONSECA, D. G. da; FERNANDES, N.; MEDEIROS, F. M.. Educação Física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. In: *Mov.*, v. 26, p.1-17, 2021.

MIRAGEM, A. A.; ALMEIDA, L. de. Potencialidades e limitações da Educação Física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular. In: *Mov.*, v. 27, p.1-16, 2021.

MOURA, D. de S.; FERREIRA, R. A.; BRUGHAGO, V da S.; SANTOS, M. A. dos. Ensino remoto emergencial no estado de Mato Grosso: desafios presentes no ensino da Educação Física. In: *Res., Soc. and Dev.*, v. 10, n. 15, p. 1-12, 2021.

RODRIGUES, A. Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. SBC Horizontes, jun. 2020. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/17/ensino-remoto-na-educacao-superior/>>. Acesso em: 10 de março de 2022.

SANTOS, A. G. B. dos; ENGERS, P. B.; SANTOS, T. de L. dos; BELLINAZO, R. G.; ILHA, P. V.. Diagnóstico das Aulas de Educação Física no Estado do Rio Grande Do Sul Durante a Pandemia da Covid-19. In: *EaD em F.*, v. 11, n. 2, p. 1-12, 2021.



SANTOS, R. S.; SANTOS, E. O.. Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas. In: *Rev. El. Pesquiseduca*, v. 4, n. 7, p. 159-183, 2012.

SANTOS, S. M. dos; BRUGGEMANN, A. L.; POFFO, B. N.; SILVEIRA, J. BIANCHI, P.; JUNIOR, G. C.; FAUTH, F.. Estudo da produção científica sobre Educação Física e mídia/TICs em periódicos nacionais (2006-2012). In: *Rev. Bra. de C. do Esp.*, v. 36, p.123-139, 2016.

SILVA, C. M. da; MACHADO, R.; FONSECA, D. G. da. Educação Física e aulas remotas: um olhar para o trabalho com alunos com deficiência em escolas do Rio Grande do Sul. In: *Pens. a Prát.*, v. 24, p. 1-20, 2021.

SILVA, P. da R. L. da; SCHILD, P. S.; GIUSTI, J. G. M.; PINHEIRO, E. dos S.. Educação física e suas possibilidades no ensino remoto: relato de uma escola privada. In: *Cad. de Ed. Fís. e Esp.*, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021.

TEIXEIRA, D. R.; SANTOS, V. B. J. J. C. dos; RIBEIRO, A. R. N.; CRUZ, E. S. da; BELTRÃO, J. A.. Educação Física Escolar na Pandemia da Covid-19: Experiências no Ensino Médio do Nordeste Brasileiro. In: *Ed. F. y C.*, v. 23, p.1-15, 2021.

Aila Oliveira Valadares

Licenciada em Educação Física (UEFS), especialista em Educação Física escolar (UCAM), especialização em andamento em Educação e suas Tecnologias (IFBA), mestranda em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (UFRB). Professora da rede básica de ensino do estado da Bahia.